

RESUMO

Sônia Salzstein Goldberg

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - USP

A presença enviesada da obra de Picasso no debate da arte dos anos 1980 à atualidade/ Algumas questões teóricas

Em dezembro de 1980, quando Picasso já havia de muito deixado o foco de interesse do mundo da arte para ocupar o panteão das celebridades, uma edição especial da revista *Art in America* registra reações de consternação ou exasperação diante de uma grande retrospectiva que o Museu de Arte Moderna de Nova York então dedicava ao pintor, morto sete anos antes. Até mesmo Clement Greenberg, um dos nomes célebres que haviam contribuído para a inserção decisiva do artista numa genealogia da arte moderna, na ocasião afirmava que, excetuando-se os trabalhos do cubismo analítico, e pouco podendo ser resgatado em face das oscilações de qualidade que haviam assolado a obra depois de 1925, a exposição mostrava que o que havia restado de Picasso era a “exaustão da própria camada pictórica & da maneira como era aplicada”, e que os renitentes enquadramentos em que a obra se aferrava, ou “o respeito cezanniano” do pintor “pelo retângulo” haviam se tornado “uma subserviência acadêmica”. Entre artistas contemporâneos, o diagnóstico oscilava entre a indiferença e um tom algo amargo: a “instituição Picasso” arruinara no curso tomado pelo modernismo no pós-guerra, talvez se confundisse mesmo com a ruína do modernismo. É o que sugere o comentário de Joseph Kosuth:

Sob muitos aspectos, Pablo Picasso é o próprio modernismo. O artista e seu trabalho encarnam o melhor e o pior da arte de nosso século. Das alturas resplandescentes de seu primeiro trabalho cubista às profundezas do frenesi institucional e comercial que cercam ‘um Picasso’ independente de seu mérito enquanto arte, há muito o que aprender dele e do que sucedeu a seu trabalho. No ponto em que estamos, lamentavelmente, a obra de Picasso se mostra um modelo negativo – uma espécie de advertência. Obviamente, não me refiro àqueles grandes trabalhos tal como eram quando de fato era possível vê-los – quando tinham um efeito sobre artistas e público – mas ao que eles significam agora; porque o significado do trabalho de Picasso foi eclipsado por um significado e papel mais amplos.

Parte do problema reside no próprio artista – nesse momento em que Picasso deixa de fazer arte e começa a pintar Picassos. (...) Seria uma paródia da celebrada auto-referencialidade do modernismo descrever esse momento como aquele em que o artista deixa de pensar como um artista e começa a trabalhar como um historiador da arte?

Em minha exposição, pretendo cotejar alguns aspectos da literatura mais influente que se estabeleceu sobre a obra de Picasso entre as décadas de 1930 e 1950 – na esteira da qual se cultivou o grande mito da arte moderna – com os sucessivos empenhos de desconstrução que lhe seriam reservados a partir dos anos 1980. À distância das disputas ideológicas que no século XX encontraram na obra do artista uma arena privilegiada – primeiro de afirmação triunfal, depois de diagnóstico encarniçado do modernismo - procuro reexaminar a fortuna crítica que há quase um século focaliza essa obra, e que, direta ou indiretamente suscita questões teóricas relevantes no debate da arte contemporânea, entre elas as ideias de estilo, individualidade, fase, desenvolvimento, classicismo, virilidade, modernismo tardio, citação, cultura de massa, sexismo e etnocentrismo.